

# Péter Murányi 2012 – Alimentação

## Síntese do Trabalho

### **A variedade de mandioca de mesa IAC 576-70 como agente transformador na segurança alimentar de populações de baixa renda, pequenos agricultores e patrimônio genético**

Inovação é a palavra que descreve a variedade IAC 576-70, pois representa praticamente 100% da mandioca, atualmente, comercializada no Estado de São Paulo, atendendo desde a CEAGESP até os comércios locais e regionais. De seu cultivo inicial que visava à segurança alimentar, expandiu-se da agricultura comercial de pequenos agricultores, que dinamizaram a economia local e regional, até as grandes regiões metropolitanas. Durante os anos 90 eram cultivadas diversas variedades para comercialização *in natura*, porém a nova variedade IAC 576-70 mostrou-se tão superior no cultivo agrícola e qualidade sensorial na pós-colheita, que vem substituindo todas as demais ao longo desses anos. Viabilizou novas técnicas que permitiram à mandioca acompanhar a contemporaneidade dos mercados hortícolas, ou seja, produtos mais higienizados, com maior vida de prateleira e maior valor agregado. Permitiu o aparecimento de pequenas indústrias caseiras, muitas vezes pertencentes aos próprios produtores, para produção e comercialização de mandioca congelada, embalada a vácuo, cozida – outra inovação que se encontra na grande maioria dos lares brasileiros, nos restaurantes, nas indústrias de congelados, nas pequenas indústrias domésticas de salgadinhos, entre outras.

A rigor esta realidade é fruto do caminhar natural de um trabalho iniciado em tempos pré-cabralinos. As populações indígenas domesticaram a mandioca e nos deixaram um grande legado cultural e biológico: uma planta rústica muito bem adaptada a todos os ecossistemas brasileiros, tolerante aos grandes estresses bióticos e abióticos, apta a atender uma das principais demandas da agricultura moderna e pós-moderna: sustentabilidade com baixo custo.

Verificou-se por volta dos anos 70, no Brasil, uma forte migração humana da área rural para a área urbana. Esse contingente trouxe consigo sua cultura, seus sonhos e suas plantas de subsistência. Destas espécies, a mais importante foi a mandioca. Assim, chegou à periferia das áreas urbanas, um grande acervo genético acompanhado pelo conhecimento popular acumulado por séculos, cujo acervo cultural e genético seria, rapidamente, perdido com o passar das gerações e a integração de seus filhos à cultura urbana. Para minimizar as perdas, foi feita uma coleta sistematizada dessas variedades nativas e o conhecimento popular a elas agregado, na periferia de pequenas cidades. Atualmente, esse trabalho é uma ciência que agrega a biologia e a antropologia denominada Etnobotânica. Coletaram-se 750 variedades não encontradas no banco de germoplasma do IAC, sendo 250 diferentes entre si e verificou-se a expansão de uma doença transmitida pelo material de plantio, que colocava em risco essas culturas, portanto a sustentabilidade alimentar e geração de renda dessas populações. Essas populações plantavam mandioca em seus quintais e a utilizavam como importante fonte alimentar e vendiam o excedente a outras famílias, para a geração de renda. Verificou-se que a quase totalidade tinha um potencial produtivo muito aquém das variedades melhoradas no Instituto Agrônomo, em média, metade da variedade IAC 576-70. Esta variedade foi, então, distribuída a essas populações por intermédio de agentes sociais (igreja, postos de saúde etc.), duplicando a disponibilidade de alimentos para essas populações. A melhoria deu-se em duas vertentes: em termos quantitativos, porque tem maior produtividade, e qualitativos, pois tem maior concentração de carotenóides e vitamina A e maior resistência a doenças.

Atualmente, essa variedade é cultivada na periferia de todas as cidades do Estado de São Paulo. Esta fase do trabalho tem várias vertentes inovadoras: a coleta de germoplasma, em dado momento específico, antes que fosse perdido definitivamente; uma nova variedade desenvolvida por meio de melhoramento tradicional, melhorando a qualidade de vida de populações de risco que nunca tinham se beneficiado de tecnologias desenvolvidas para a produção agrícola, e a estratégia de acesso a essas populações através de agentes de saúde, quando o processo tradicional limitava-se a utilizar-se de agentes de assistência técnica.